



revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

CRISTO É NOSSO EXEMPLO

Estamos formando caracteres para o Céu. Nenhum carácter pode ser completo sem provas de sofrimento. Precisamos de ser provados. Cristo suportou o teste de carácter em nosso favor, a fim de que possamos enfrentar também uma prova em nosso próprio benefício mediante a divina força que Ele nos concede. Cristo é nosso exemplo na paciência, na tolerância, na mansidão e na humildade de espírito. Esteve em desacordo e em guerra com o mundo ímpio, mas não deu oportunidade a paixões e violências manifestadas em palavras e acções, embora recebesse vergonhosos maus tratos em recompensa das Suas boas obras. Foi afligido, foi rejeitado e tratado impiedosamente, mas não retribuiu da mesma forma. Ele possuía domínio próprio, dignidade, majestade. Sofreu com paciência, e aos abusos devolveu apenas compaixão, piedade e amor.

Imitai vosso Redentor nessas coisas. Não vos exciteis quando as coisas vão mal. Não permitais que o eu se levante, de modo que percais o vosso domínio próprio porque as coisas que haveis imaginado não foram como deviam ser. O facto de outros cometerem erros não é desculpa para que os cometais também. Dois erros não remedeiam um. Tendes vitórias a alcançar, a fim de vencerdes como Cristo venceu.

Cristo jamais murmurou, jamais proferiu palavras de descontentamento, de desgosto ou ressentimento. Jamais desanimou, descoroçoou, nunca se irritou nem se impacientou. Foi paciente, calmo, controlado sob as mais probantes circunstâncias. Todas as Suas obras foram realizadas com tranquila dignidade e calma, fossem quais fossem as comoções ao Seu redor. Os aplausos não O desvaneciam. Não temia as ameaças dos inimigos. Movia-se no meio de um mundo de excitação, de violência, de crime, como o sol se move no meio das nuvens. Paixões, comoções e provas humanas estavam debaixo d'Ele. Ele viajava como o Sol sobre tudo isto. Todavia não foi indiferente aos ais dos homens. O Seu coração era sempre tocado com os sofrimentos e as necessidades dos Seus irmãos, embora Ele próprio fosse um afligido. Ele possuía calma, alegria interior, uma paz serena. Sua vontade era fazer sempre a vontade de Seu Pai. Não se faça a minha vontade, mas a Tua vontade, era o que se ouvia dos seus lábios pálidos e trementes. Ansiamos e oramos para que a graça de Deus possa vir aos vossos corações. Desejamos que façais completa entrega a Deus... Deus vos ajude todos a andar cuidadosa e humildemente, é a nossa oração. — Carta 51.^a, 1874.

“estai vós apercebidos”

OS NOVA-IORQUINOS E AS LEIS DOMINICAIS

Uma sondagem de opinião no Estado de Nova Iorque revelou que 87 por cento dos habitantes deste Estado escolheram o domingo como dia ideal para fazer compras, 71 por cento recommçaram mesmo a fazer suas compras neste dia desde que a lei que obrigava o encerramento do comércio ao domingo foi levantada em Junho de 1976. A sondagem, realizada por R. H. Macy Company (armazéns de abastecimentos), revelou que estudantes, pessoas abaixo de 35 anos e os judeus preferem fazer suas compras ao domingo.

Somente 17 por cento das pessoas contactadas se mostraram favoráveis às interdições dominicais; 75 por cento opuseram-se a tais leis. Desde que a lei dominical foi derrotada neste Estado, grande parte do comércio abre para negócio. Os grandes armazéns, incluindo os da Macy, estão fazendo forte oposição à instauração de novo dessas leis.

A abertura do comércio ao domingo tem sofrido oposição por parte dos pequenos comerciantes e de grupos religiosos incluindo a Conferência Católica de Nova Iorque. Muitos projectos de lei para instauração das leis dominicais estão agora para discussão. — *Signes of the Times*

O ESTADO DE MASSACHUSETTS RECUSA ABRIR O SEU COMÉRCIO AO DOMINGO

Um comité legislativo em Boston fez sair um relatório rejeitando cerca de 20 propostas de lei para abolir ou rever as leis de encerramento de comércio ao domingo no Estado de Massachussts.

A decisão do comité foi precedida de dois dias seguidos de debates e de um despacho do Supremo Tribunal que declarava ser esta lei «não constitucional».

O Governador Michael S. Dukakis, que favorece a opção local para encerramento ao domingo, disse que estava «extremamente desapontado» e apelava para a legislatura para avivar a proposta quando o relatório do comité for recebido. A abolição desta lei recebe o voto

contrário da Conferência Católica, do Concílio das Igrejas e da Liga dos Homens da Igreja deste Estado, bem como de várias outras entidades. — *Signes of the Times*

CARNE E CANCRO

A revista *Medical World News*, órgão oficial da Ordem dos Médicos, publicou no seu número de Junho do ano passado o seguinte comunicado:

«Investigadores da Cleveland Clinic Foundation, os Drs. Raymond J. Shamberger e Charles E. Willis, demonstraram que as toxinas da carne (especialmente o aldeído malónico), provocam o cancro. Aqueles cientistas fizeram a experiência em cobaias (ratos), injectando-lhes aquelas toxinas, tendo verificado que 60 por cento das cobaias apresentaram tumores cancerosos na pele, suspeitando que efeitos idênticos se verifiquem no organismo humano. Inquéritos feitos junto da comunidade vegetariana e de certos grupos religiosos que não comem carne, confirmam que nessas pessoas não existe o cancro».

IGREJAS RESPONSÁVEIS PELO DIVÓRCIO

As igrejas são, em certa medida, acusadas pelo aumento de divórcio nos Estados Unidos. Afirmou o Rev. John Drakeford, professor de psicologia do Seminário Baptista de Teologia em Fort Worth. O Dr. Drakeford encontrava-se em Miami dirigindo uma conferência de fim-de-semana sobre a vida familiar.

«Nós tornámos o casamento demasiado simples», observou o professor. «A Igreja não dispendeu tempo suficiente com a sua juventude antes de eles começarem a namorar. Depois do namoro é demasiado tarde, eles não nos escutam».

Os pais, disse este ministro-conselheiro, podiam dispendir muito mais tempo ajudando o bom sucesso do casamento de seus filhos. «Se os pais gastassem tanto dinheiro na preparação dos filhos para o casamento como gastam na festa deste, seria muito melhor», disse o Dr. Drakeford. — *Signes of the Times*

SUMÁRIO

«Estai vós apercebidos»
EDITORIAL — Dar com Alegria
Para um Conceito de Inspiração — A IMPORTÂNCIA DA COMPREENSÃO DA INSPIRAÇÃO
Regulamento do Parque de Campismo Costa de Lavos
Três Razões para não me Tornar Mórmon
Ensino Primário no Externato Adventista de Coimbra
Endemoninhada ou Epiléptica?
Testemunhos de Ellen White: Negativistas?
Notícias do Campo
Breves Notícias do Mundo Adventista

revista
adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Publicação mensal
JUNHO DE 1978
ANO XXXIX N.º 381

Director: ERNESTO FERREIRA

Administrador:
JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO
S. A. R. L.

Redacção:
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
LISBOA

Administração:
RUA SALVADOR ALLENDE,
LOTE 18, 1.º
S A C A V E M

Composto e impresso na
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.
Alam. D. Af. Henriques, 1 - C - Lisboa

Preços:

Assinatura Anual 70\$00
Número avulso 7\$00

ESTRANGEIRO: além do preço de assinatura, os portes são a cargo do assinante.

DAR COM ALEGRIA

Ouvimos por vezes alguns membros queixarem-se de que na igreja se fazem referências a dinheiro com demasiada frequência. E tais reparos não se limitam apenas ao nosso país; observam-se por toda a parte do mundo.

Numa revista americana lemos há tempo que um membro se queixava ao seu pastor de que a igreja não cessava de pedir dinheiro.

— Isto está-se convertendo num contínuo dar, dar, dar — reclamou ele indignado.

Depois de pensar um instante, o pastor respondeu:

— Quero agradecer-lhe por uma das melhores definições do Cristianismo que jamais ouvi.

Com efeito, o dar, dar abnegada e generosamente, constitui uma das características essenciais do Cristianismo.

Ao referir-se aos crentes de Macedônia, o apóstolo Paulo tratou do assunto no capítulo 8 da segunda epístola aos Coríntios, realçando os seguintes pontos:

1. O exemplo de Cristo: «Já sabeis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, por amor de vós se fez pobre, para que pela Sua pobreza enriquecêsseis» (vers. 9).

2. A consagração do crente: «A si mesmos se deram primeiramente ao Senhor» (vers. 5).

3. A generosidade como resultado imediato da consagração do crente: «A sua profunda pobreza abundou em riquezas da sua generosidade» (vers. 2).

4. A aceitação por parte de Deus: «Se há prontidão de vontade, será aceita segundo o que qualquer tem, e não segundo o que não tem» (vers. 12).

E noutro texto, o apóstolo relembra as seguintes palavras do próprio Cristo:

«Mais bem aventurada coisa é dar do que receber.» Act. 20:35.

Jesus confiou à Igreja a execução de um grandioso programa de alcance mundial. É um programa de extraordinário valor. Mas, lembremo-nos, tudo quanto tem valor custa dinheiro.

A um membro renitente em atender aos apelos financeiros feitos à igreja, o pastor respondeu: «Eu tinha um filho, que para mim era precioso e que constantemente me estava pedindo — comida, roupa, calçado, livros ... Esse meu filho morreu. Agora já me não pede nada. O mesmo se passa com a igreja. Quando está viva, experimenta necessidades e pede. Quando está morta, cessa de pedir.»

Mas dirá alguém: O dar representa grande sacrifício de minha parte. Perfeitamente de acordo. Esse sacrifício constitui, porém, a manifestação natural da nossa fé, amor e gratidão.

Tudo o que damos com relutância perde o seu valor espiritual.

Alguém dividiu os doadores em três espécies, comparando-os à pederneira, à esponja e ao favo de mel. Para obter algo da pederneira, é necessário bater-lhe com o martelo, desprendendo-se apenas algumas chispas. Para obter água de uma esponja, é necessário espreme-la, e quanto mais se espreme mais dá. Mas o favo de mel simplesmente derrama a sua própria doçura.

Assim é o doador da escola de Cristo. Assim foi a viúva pobre ao lançar as suas duas pequenas moedas na arca do tesouro. Assim é todo aquele que alegremente apresenta a sua oferta. A seu respeito diz a Escritura: «Deus ama ao que dá com alegria.» 2 Cor. 9:7.

E. Ferreira

A IMPORTÂNCIA DA COMPREENSÃO DA INSPIRAÇÃO

Por ARTHUR L. WHITE

Gostaria, neste artigo final, de falar pessoal e informalmente à família adventista. Faça-o, com base na minha relação com o «White Estate» por cerca de 50 anos e no meu envolvimento noutros aspectos desse trabalho por 10 outros anos mais. Observei que conceitos errados acerca da inspiração-revelação, liberais ou extremistas, podem levar à ruína. Há boa razão para crer que o grande adversário tirará vantagem de conceitos incorrectos neste domínio, porquanto nos é dito que «o derradeiro engano de Satanás será anular o testemunho do Espírito de Deus. 'Não havendo profecia, o povo se corrompe'... Satanás operará habilmente de várias maneiras e por diferentes instrumentalidades, para perturbar a confiança do povo remanescente de Deus no verdadeiro testemunho.» — *Mensagens Escolhidas*, Liv. 1, página 48.

Um destes esforços foi feito há cerca de sessenta anos por um homem que fora um evangelista de êxito e um considerado administrador adventista. (Ver Carrie Johnson, *I Was Canright's Secretary*). Ao tornar-se ele crítico e inimigo da Igreja, apresentou como base para a sua ruptura com a Igreja a alegação de que Ellen White e os Adventistas afirmavam que ela pretendia que cada linha que escrevia, fosse em artigos, cartas, testemunhos ou livros, lhe era ditada pelo Espírito Santo, e por isso devia ser infalível.

Alguns anos mais tarde um professor de Bíblia meu conhecido que trabalhava num colégio adventista abandonou o seu trabalho e em grande parte perdeu a confiança na mensagem. Qual o seu problema? Já não podia aceitar Ellen White como mensageira do Senhor e escreveu um depoimento explicando porquê. O seu pai servira muitos anos no ministério da Igreja e tinha em elevada consideração os escritos do Espírito de Profecia. De facto, ele tinha o que alguns chamariam hoje uma posição extremista sobre inspiração, mantendo um conceito de ditado mecânico. Tal conceito foi por ele transmitido ao filho, que também se tornou pastor e finalmente professor de Bíblia num colégio. No seu trabalho de professor, ele descobriu alguns problemas que não podia resolver em

virtude dos seus rígidos pontos de vista sobre inspiração. Como resultado, deixou o trabalho. Alguns anos mais tarde, a convite do «White Estate», ele passou algumas horas comigo discutindo os pontos que o haviam deixado perplexo e continuavam a atormentá-lo. Ao estudarmos juntos, ele e eu pudemos ver que os problemas que ao longe se apresentavam ao seu espírito como tão grandes tinham origem em conceitos rígidos e deturpados acerca da inspiração. Antes de terminar a entrevista, ele disse tristemente: «Como teria sido diferente se eu tivesse compreendido estas coisas desta maneira, mas agora é demasiado tarde.» Ele morreu como um homem triste.

Este incidente ilustra a importância vital de uma compreensão correcta da inspiração. Muitos críticos liberais mantêm que a Bíblia não é mais inspirada do que os escritos de autores famosos. Isto mina subrepticamente a sua autoridade. Alguns eruditos dizem que o profeta procura simplesmente um «encontro» com Deus, no qual nenhuma informação lhe é conferida nem dada qualquer instrução; nos seus escritos, os profetas expressam simplesmente a sua reacção à experiência do encontro. Vejo nestas definições de inspiração feitas pela crítica liberal a obra do inimigo que procura anular a mensagem de Deus ao Seu povo.

A Bíblia sugere os seguintes testes quanto à genuidade de um profeta:

1. «Pelos seus frutos os conhecereis.» Mat. 7:20.
2. Fidelidade aos fundamentos da fé cristã. (1 João 4:2).
3. Cumprimento das profecias. (Jer. 28:9; Deut. 18:22).
4. «À lei e ao testemunho». Isa. 8:20.

A falta de espaço impede-nos o desenvolvimento deste ponto, mas estes são assuntos com os quais os leitores da nossa Revista estão familiarizados.

Mas acima e para além destes grandes testes mencionados na Escritura, apresenta-se a evidência primária da operação da ins-

piração na obra de Ellen White — a maneira como estes escritos falam aos corações dos leitores. Isso tem sido experimentado pessoalmente por todos os que profunda e sinceramente têm estudado os seus escritos.

Sem dúvida, surgirão perguntas, apresentar-se-ão problemas. Sempre assim tem sido através dos anos, assim é hoje, e, se dermos crédito às palavras da profecia, assim será, de forma cada vez maior e mais intensa, à medida que nos aproximamos do fim. Por esta razão, os nossos conceitos de inspiração têm de ser sólidos e firmados no testemunho dos profetas. Vêem-se importantes indícios na Palavra de Deus, em geral encontrados em referências ocasionais em relação com as mensagens. Cada Adventista do Sétimo Dia deve estar atento a esses indícios. Como veio a luz ao profeta? Como foi transmitida a mensagem por ele ao povo?

Qual é então o testemunho de Ellen White a este respeito? Já examinámos algo nos artigos precedentes. Ela escreveu extensamente acerca da inspiração da Bíblia e fez muitas referências à inspiração nas suas obras. O que ela escreveu é altamente esclarecedor. Como ocorre em muitos casos, o que ela escreveu a este respeito surgiu num contexto natural e prático. Uma grande parte surgiu na década de 1880. Foi a década em que foi feita uma das principais novas traduções da Bíblia — a tradução que veio a ser conhecida como Versão Revista, com o Novo Testamento publicado em 1881 e o Antigo em 1885.

Nas mentes de não poucos Adventistas, tais novas traduções despertaram sérias perguntas. Era admissível e conveniente proceder a uma revisão das Escrituras? De tempos a tempos nessa década a *Review and Herald* se referiu a isso, e durante essa mesma década Ellen White escreveu quatro importantes declarações sobre inspiração.

1886 — «Objecções à Bíblia» (*Mensagens Escolhidas*, Liv. 1, págs. 19-21).

1888 — Introdução ao *Grande Conflito* (*O Grande Conflito*, págs. 11-16).

1888 — «A Inspiração da Palavra de Deus» (*Mensagens Escolhidas*, Liv. 1, págs. 15-18).

1889 — «Os Mistérios da Bíblia, uma Prova da sua Inspiração» (*Testimonies*, vol. 5, págs. 698-711).

O estudo cuidadoso destas quatro declarações de Ellen White sobre inspiração mostrar-se-á bastante proveitoso.

A estas declarações acrescentaríamos *Mensagens Escolhidas*, Liv. 1, págs. 21-76, que abrangem a Secção I, intitulada «A Luz de Nosso Caminho»; e o capítulo de *Testimonies*, vol. 5, págs. 654-691, intitulada «A Natureza e Influência dos Testemunhos».

Cada Adventista do Sétimo Dia devia estar familiarizado com estas declarações bá-

sicas, que tanto têm que ver com o nosso conceito de inspiração. Apelo a todos para que as estudem bem.

A operação da inspiração tem sido um ponto de especial interesse para os depositários nomeados por Ellen White para tomarem conta de seus escritos. A. G. Daniells, presidente da Conferência Geral de 1901 a 1922, abordou a questão das suas manifestações exteriores, na obra *The Abiding Gift of Prophecy*. Outro dos depositários, F. M. Wilcox, durante 33 anos director da *Review and Herald*, em 1933 focou diversas facetas do Espírito de Profecia numa série de artigos intitulada «O Testemunho de Jesus», que foram reimpressos num livro com o mesmo título. Estas duas obras têm sido de grande utilidade para ajudar a compreender a inspiração.

Quando comecei a trabalhar no «White Estate» em 1929, fui secretário de W. C. White no escritório de Elmhaven, na Califórnia. Ao começar a trabalhar com os manuscritos e cartas e obras publicadas de Ellen G. White, fiquei profundamente interessado na maneira como Deus transmitiu as Suas mensagens ao povo. Em breve concluí que assim como Deus nos tempos bíblicos falou através dos profetas «de muitas e diversas maneiras», assim também falou a Ellen White. Desde esse tempo, este assunto tem-me interessado grandemente.

Como o meu trabalho tem sido em grande parte responder a perguntas acerca de Ellen White e seus escritos, vi muitas vezes que as respostas a essas perguntas estavam ligadas à compreensão da operação da inspiração tal como se acha revelada nas muitas fontes do Arquivo do «White Estate», que suplementam escritos publicados como aqueles a que atrás se faz referência. Cheguei à conclusão de que ela não dá nenhum apoio a uma inspiração por ditado mecânico, como alguns a imaginaram — nossos antepassados designavam-na como inspiração verbal, embora os teólogos usem hoje o termo com sentido diferente. E quantas vezes os problemas difíceis que preocupavam os que nos escreviam se dissipavam à luz da informação acerca da maneira como a inspiração realmente funciona.

A informação que achei no trabalho com os documentos do nosso arquivo, muitas vezes em referências ocasionais, reuni para benefício dos ministros e membros de igreja em artigos que foram publicados de tempos a tempos. Estes voltaram a ser publicados de forma definitiva para mais ampla distribuição sob o título de *Ellen G. White — Messenger to the Remnant* (Ellen G. White — Mensageira da Igreja Remanescente), que pode ser obtido em nossas casas publicadoras. Aí a mecânica da inspiração tal como se

vê na experiência de Ellen White é apresentada extensamente sob a forma de ilustrações práticas, tal como se fez resumidamente no primeiro artigo desta série.

De tempos a tempos tem-me sido pedido que me dirija aos professores de Bíblia, professores de História e a outros grupos, sobre vários aspectos do trabalho de Ellen White. Uma destas palestras tratava de «A Autoridade dos Escritos de Ellen White», outra intitulava-se «Quem disse à Irmã White?». Apresentei também um trabalho sobre «Ellen White como Historiadora» e um outro sobre «Princípios de Hermenêutica nos Escritos de E. G. White». Durante anos estes trabalhos, assim como o escrito intitulado «Para um Conceito de Inspiração baseado em Factos», só podiam ser obtidos em folhas mimeografadas. A natureza da importante informação neles contida, baseada não em conceitos teológicos altamente refinados, mas em simples demonstrações providenciadas pelos próprios documentos de Ellen White, levou a *Review and Herald* a publicá-los numa brochura intitulada *The Ellen G. White Writings*. O volume contém igualmente, em apêndice, os seguintes documentos:

1. «O nosso Uso das Visões da Irmã White», por J. N. Andrews.

2. «A Inspiração dos Evangelistas e Outros Escritores do Novo Testamento», por Henry

Alford, D. D., teólogo anglicano e comentador, que escreveu em 1863. O «White Estate» durante muitos anos considerou este escrito como sendo um documento valiosíssimo, porquanto trata de muitas situações e princípios que nem sempre se pensava terem que ver com a inspiração.

3. «A Edição de 1911 de *O Grande Conflito*», que é uma explicação de William C. White, filho e colaborador de Ellen White, das implicações relacionadas com a revisão de um livro inspirado.

É doloroso ver Adventistas do Sétimo Dia perplexos ou com a sua confiança no Espírito de Profecia enfraquecida devido a conceitos errados. Não tendo estudado o assunto cuidadosamente, têm pontos de vista sobre inspiração que exigiriam que o profeta fosse um autómato, falando e escrevendo apenas as palavras que lhe fossem ditadas pelo Espírito Santo. É também doloroso ver como tantos falham em compreender, devido a pontos de vista liberais sem base, a mão de Deus ao comunicar-Se Ele ao Seu povo através do Seu profeta, perdendo assim a grande bênção da certeza de que os Adventistas do Sétimo Dia são dirigidos e ensinados por Deus.

É minha opinião que a apresentação destes artigos e a leitura cuidadosa das fontes de informação referidas podem ser extremamente úteis ao enfrentarmos os perigosos dias que nos aguardam.

Regulamento do Parque de Campismo

Costa de Lavos

1. O Parque só será usado por jovens e membros da Igreja Adventista do sétimo dia.

2. Durante os acampamentos e convenções não é autorizada a permanência, dentro do recinto do Parque, de outras pessoas acampadas.

3. Os programas próprios destas actividades, são destinados unicamente para os acampados dentro do parque.

4. Só é possível o fornecimento de refeições aos jovens ou irmãos acampados dentro do recinto e que façam parte do corpo de responsáveis pelos acampamentos e convenções.

5. Poderá ser autorizado o uso do Parque pelos membros da Igreja, fora do período normal do acampamento.

6. Tabela a cobrar nas convenções ou aos membros de igreja:

— Casas de madeira e sanitários, 20\$00 por pessoa por dia

— Tendas e sanitários, 10\$00 por pessoa por dia

— Sanitários, 5\$00 por pessoa por dia

— Alimentação para convenções, 100\$00 por pessoa por dia

7. Pede-se a todos os que utilizarem o campo para chegarem e saírem na data combinada, deixando todas as coisas no seu lugar e em bom estado.

8. Haverá um livro para registar as estadias e nele devem ser inscritas quaisquer observações.

TRÊS RAZÕES

PARA NÃO ME TORNAR

MÓRMON

Jay Jacobson

Nestes últimos quarenta anos repetidamente tenho sido convidado para me unir à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, também conhecida como Igreja Mórmon. Até hoje não me tem sido possível, em sã consciência, filiar-me a essa religião um tanto incomum. Seus adeptos são bastante corteses, são talvez o povo mais caridoso do mundo, e tomam a sério seus deveres eclesiásticos. Admiro os seus templos e seus mundialmente afamados órgão e coro. Seus ensinamentos quanto à educação e à vida temperante são na verdade dignos de louvor.

Considero a filiação a uma igreja coisa bem diferente de associar-me a *uma agremiação beneficente ou a alguma sociedade de assistência mútua*. De conformidade com os ensinamentos de Cristo e dos apóstolos, as Sagradas Escrituras ensinam que o objectivo único de Sua igreja é apresentar o plano divino da salvação do pecado e de suas consequências. Os que aceitam o plano de Deus tal qual explanado na Bíblia, têm a esperança da vida eterna. Eu aceito a Bíblia como a palavra de Deus, escrita por «homens santos de Deus... inspirados pelo Espírito Santo.» II S. Pedro 1:21.

Certa ocasião Jesus assim orou pelos Seus seguidores: «Santifica-os na verdade; a Tua palavra é a verdade.» S. João 17:17. Os mórmons têm uma máxima que diz: *Creemos que a Bíblia é a palavra de Deus, na medida em*

que é correcta a sua tradução. São ensinados a crer que a Bíblia esteja repleta de erros, que nela se insinuaram no processo de sua tradução. Crêem também que José Smith Júnior foi verdadeiro profeta de Deus, e quando seus escritos contradizem a Bíblia, aceitam-nos de preferência, pois foram revelados posteriormente aos dos tempos bíblicos. Tenho observado que a Bíblia é de pouca importância para o povo mórmon. Tudo o que, nela, discorda dos ensinamentos de José Smith é de pronto considerado tradução faltosa.

Para vencer o grande número de flagrantes discrepâncias entre os ensinamentos da Bíblia toda, tornando-a aquilo que ele entendia dever ser. No frontispício dessa curiosa «versão» aparecem estas palavras: *As Santas Escrituras, Traduzidas e Corrigidas pelo Espírito de Revelação, por José Smith Júnior, o Vidente*. É publicada pela Reorganizada Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, de Independência, Estado do Missouri, Estados Unidos. Se pedirmos a um mórmon que nos mostre um exemplar da Bíblia corrigida por José Smith Jr., muito provavelmente ele dirá: «Não sei de que o senhor está falando. Refere-se ao *Livro de Mórmon?*» Pode mesmo dizê-lo com toda a sinceridade. Muitos mórmons não sabem da existência desse livro. Os que sabem, talvez digam: «Foi iniciado, mas jamais concluído, e sua publicação nunca foi autorizada.»

Tenho simpatia pelo povo mórmon, mas não confio em seus líderes principais, desde o primeiro até ao último. Acerca do ponto em tela, o autor de história eclesiástica, André Jenson, diz no livro *Church Chronology*, edição de 1899, pág. 9, sob a data de 2 de Julho um exemplar na livraria «Desert Book Store» de 1833: «José Smith, o profeta, terminou a tradução da Bíblia.» Pode o leitor comprar de propriedade da igreja, em Salt Lake City, onde comprei o meu.

Perguntará o leitor: «Por que procuram ocultá-la dos gentios (não mórmons) e negar sua existência?» Quem a ler, desde logo verá o que aconteceu, especialmente ao notar o acréscimo de dezassete versículos, ao capítulo 50 de Gênesis. Notemos um trecho desses 17 versículos interpolados. Depois de falar na vida e obra de Moisés (o nascimento e vida de Moisés começam normalmente no Êxodo) ela fala no Vidente que trará conhecimento e salvação «nos últimos dias.» O versículo 33 diz: «E esse evidente eu abençoarei, e os que buscarem destruí-lo serão confundidos; pois esta promessa vos darei, pois vos lembrarei de geração a geração; e seu nome se chamará José, segundo o nome de seu pai, e ele será semelhante a vós, pois aquilo que o Senhor operará por Sua mão levará a salvação ao meu povo.»

Não é preciso ser um génio para descobrir quem autorizou esses versículos, pois seu motivo é demasiado ostensivo para que isso não se perceba. Agora o leitor compreende porque é que essa Bíblia traz embaraço à Igreja Mórmon.

Aos meus leitores «santos dos últimos dias» direi: Desde que me dei ao trabalho de ler atenta e meditadamente todo o *Livro dos Mórmons*, a *Doutrina e Aliança* e muito mais, tomo a liberdade de aconselhar todos a lerem este livrete integralmente. Leiam-no de princípio a fim, com oração, e depois concluam se podem ainda, em sã consciência, convidar quem quer que seja a aceitar o mormonismo.

A fim de ser breve, limito minha resposta ao convite para tornar-me mórmon a três razões apenas — razões francas e bem documentadas. Não se trata, caro leitor, de uma crítica acerba e vingativa. Aliás, nunca fui ofendido por nenhum mórmon. Simplesmente não posso aceitar-lhe as doutrinas e costumes. Aham-se nestes envolvidas consequências eternas. É questão muito séria, como o leitor verá dentro em breve.

RAZÃO NÚMERO UM

José Smith Jr., não foi profeta de Deus

(1) Ele deliberada e intencionalmente iludiu seus confiantes seguidores quando, em

1835, pretendeu traduzir para o inglês alguns rolos egípcios. Proclamou que um deles fora escrito pelo patriarca Abraão, de próprio punho, quando se encontrava no Egipto. Smith evidentemente ignorava que a língua do Egipto antigo fora revivida em 1822, quando Champollion, na França, decifrou a pedra de Roseta. Smith não traduziu correctamente um único hieróglifo. Felizmente ele fez cópias dos caracteres ideográficos originais, numerando-as. A seguir escreveu sua «tradução» para o inglês, de cada uma, na ordem numérica. Ele disse uma blasfémia quando declarou que isso fizera pelo «Espírito de revelação divina.» De todos os seu enganos, este é um dos mais facilmente discerníveis. No caso do *Livro dos Mórmons* explicou ele que o traduzira de algumas lâminas de ouro, mas um anjo as arrebatara para o Céu, e ele espera que acreditemos na sua palavra.

Para rematar o cúmulo, os rolos egípcios originais foram acidentalmente (ou diríamos providencialmente) encontrados num museu em Nova Iorque, em Novembro de 1967. A Igreja Mórmon tem-nos agora em seu poder, e declara serem os originais, dos quais foi «traduzido» o chamado *Livro de Abraão*, pois há anotações marginais feitas inequivocamente por Smith, vendo-se em algumas as suas iniciais. Existem hoje, espalhados pelo mundo, homens doutos, capazes de ler e traduzir o egípcio, e todos apresentam Smith como obstinado impostor. Figura entre eles o egiptólogo mórmon, Dr. Dee Jay Nelson. Leia-se sua obra. *The Eye of Ra*

(2) Ele enviou homens ao estrangeiro, em missões para a igreja, e então sorratamente levou as esposas deles uma de cada vez) para o templo de Nauvoo, Illinois, a fim de «selá-las» para ele, por toda a eternidade, ameaçando-as de morte se divulgassem seu procedimento. Várias dessas esposas «celestiais» confessaram essa prática sob juramento sagrado, perante o Tribunal Federal, após o falecimento de Smith. Perguntou-se-lhes se conviviam com ele carnalmente. Esses autos existem ainda, em relação com o famoso caso «Temple-Lot.» O testemunho delas mostra também que essas seduções ocorreram vários anos antes que Smith recebesse sua pretensa visão que o instruiu a ensinar e praticar a poligamia. O *affaire* que causou muita sensação em Nauvoo foi o ocorrido entre o «profeta» e uma menina órfã de nome Fanny Alger, que viveu em «Mansion House» (Casa-Mansão). Depois de ela haver revelado ser Smith o pai do filho que lhe ia nascer, muitos adeptos mudaram-se de Nauvoo, deixando de segui-lo... Isto é corroborado por uma declaração, feita sob juramento, e publicada em *His-*

tory of the Saints, pp. 85 e 86, do Dr. John C. Bennett. Há também uma carta que respira indignação, escrita por Oliver Cowdery, mão direita de Smith, datada de 21 de Janeiro de 1838, de sentido semelhante. Esta carta encontra-se agora na Biblioteca de Huntington, em S. Marino, Califórnia.

Por ocasião de sua morte prematura, Smith era prefeito de Nauvoo, tenente-general da Milícia do Estado, presidente de sua igreja, «Profeta, Vidente e Revelador», havendo já «selado» para si mesmo, para a eternidade, 48 mulheres. Era também candidato registado, à presidência dos Estados Unidos. Poderia ser admirado como homem dinâmico.

(3) Porventura um verdadeiro profeta de Deus mandaria ilegalmente imprimir dinheiro, assinará com o próprio punho as cédulas e as poria em circulação como moeda legítima? Algumas dessas cédulas existem ainda, e evidentemente os mórmons não se envergonham dessa deliberada perfídia. Alguns dos que ajudaram a eliminar Smith tinham sido induzidos a aceitar algum desse dinheiro falso. É na verdade lamentável que ele fosse assassinado. Se tivesse sido devidamente julgado por seus crimes, num tribunal de justiça, talvez não existisse o mormonismo a transviar hoje pessoas de boa fé.

(4) Harold Schindler, «Sumo Sacerdote segundo a Ordem de Melquisedeque» (SIC), de Salt Lake City, revela como Smith e Porter Rockwell afogaram uma senhora de mais de 70 anos de idade, no Rio Mississippi, porque falara muito nas aventuras de casamentos «celestiais» de Smith, no templo de Nauvoo. Leia-se o livro de Schindler, *Orrin Porter Rockwell: Man of God, Son of Thunder*, publicado pela Imprensa da Universidade de Utah, Salt Lake. O referido incidente encontra-se na pág. 112.

(5) As predições de Smith falharam. No seu livro *Doctrine and Governants*, Secção CXI, verso 4, diz ele acerca de Salém, no Massachusetts: «E acontecerá, a seu tempo, que darei esta cidade nas vossas mãos, e tereis poder sobre ela, tanto assim que não descobrirão vossas partes secretas; e sua abastança composta de ouro e prata vos pertencerá.» Este é apenas um dos exemplos de seu palavreado sibilino. Na Secção CXXX, v. 15, diz ele: «José, meu filho, se viveres até à idade de oitenta e cinco anos, verás a face do Filho do Homem.» Isto teria sido em 1890. Cristo não veio em 1890.

De acordo com as Escrituras, é coisa séria profetizar frivolamente em nome do Senhor. Note-se isto: «Assim diz o Senhor Jeová: Ai dos profetas loucos, que seguem o seu próprio espírito e coisas que não viram!» Ezequiel 13:3.

(6) *Smith alegava receber comunicações dos mortos, desafiando abertamente os claros*

preceitos da lei de Deus. Eis o que Deus diz a este respeito: «Quando vos disserem: Consultai os que têm espíritos familiares e os adivinhos, que chilreiam e murmuram entre dentes — não recorrerá um povo ao seu Deus? a favor dos vivos interrogar-se-ão os mortos? À Lei e ao Testemunho! se eles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva.» Isaías 8:19 e 20.

(7) Quem teria acreditado, na recuada metade do século dezanove, que os homens um dia haveriam de caminhar na Lua? Smith sentia-se seguro ao forjar uma «revelação» acerca da vida na Lua. Em 1892 a Igreja Mórmon publicou um artigo, da lavra de Oliver B. Huntington, intitulado: «Os Habitantes da Lua.» Dizia o seguinte:

«Astrónomos e filósofos têm, desde tempos quase imemoriais até muito recentemente, afirmado que a Lua não é habitada, que não tem atmosfera, etc. ... Mas descobertas recentes, mediante potentes telescópios, têm trazido aos cientistas alguma dúvida quanto à teoria.

«Quase todas as grandes descobertas dos homens, na última metade do século têm, de certo modo, quer directa quer indirectamente, contribuído para provar que José Smith é Profeta.

«Já em 1837, sei ter ele dito que a Lua é habitada por homens e mulheres, tal qual a Terra, e que são mais longevos do que nós — que em geral alcançam quase mil anos de idade.

«Descreveu ele os homens como tendo na média quase seis pés (1,80 m), e vestindo-se uniformemente, mais ou menos segundo a moda dos quacres.

«Na minha bênção patriarcal, dada pelo pai de José o Profeta, em Kirtland, em 1837, foi-me dito que eu devia pregar o evangelho antes de completar 21 anos de idade; que eu devia pregar o evangelho aos habitantes das ilhas do mar, e AOS HABITANTES DA LUA, este planeta que vedes agora com vossos próprios olhos.

«As primeiras duas promessas já se cumpriram, e a última pode ser comprovada. Do cumprimento de duas promessas, podemos razoavelmente esperar que a terceira também se cumpra ...

«Cedar Fort, Utah, 6 de Fevereiro de 1892.»

The Young Woman's Journal,
Vol. 3, N.º 6, págs. 263 e 264.

O diário de Oliver B. Huntington acha-se arquivado na Sociedade Histórica do Estado de Utah e na Biblioteca de Huntington em S. Marino, Califórnia. A fantástica narrativa acima encontra-se também no diário. Poder-se-á respeitar uma organização religiosa que publica semelhante contra-senso?

O sacerdócio Mórmon é anti-escriturístico

(1) O sacerdócio aarónico foi dado a Israel para prefigurar a morte de Cristo como sacrifício expiratório. O apóstolo Paulo explica que o sacerdócio foi mudado por ocasião da morte de Cristo. Foi mudado do sacerdócio levítico (aarónico), na Terra, para o sacerdócio de Melquisedeque, no Céu. Notemos: «Se a perfeição fosse pelo sacerdócio levítico (porque sob ele o povo recebeu a lei), que necessidade havia logo de que outro sacerdote se levantasse, segundo a ordem de Melquisedeque, e não fosse chamado segundo a ordem de Arão? Porque, mudando-se o sacerdócio, necessariamente se faz também mudança da lei.» Hebreus 7:11 e 12.

(2) Quando Jesus expirou, cumpriu-se o propósito do sacerdócio aarónico (levítico), portanto ele terminou junto à cruz. O sacrificar animais não tinha mais valor nem sentido. Disto Deus proporcionou aos judeus evidência muito espectacular. No momento em que Jesus expirou, o pesado véu do templo rompeu-se de alto a baixo, por mãos invisíveis. Esse véu separava o lugar santo do lugar santíssimo. Sua altura era de 18 metros. Chegara a termo, para sempre, o sacerdócio aarónico. Morrera o «Cordeiro de Deus», e não precisamos oferecer sacrifícios que para Ele apontem. Isto está no passado.

(3) Sem o oferecimento de sacrifícios não há sacerdócio de espécie alguma.

«Porque todo o sumo sacerdote é constituído para oferecer dons e sacrifícios; pelo que era necessário que este também tivesse alguma coisa que oferecer. Ora, se Ele estivesse na Terra, nem tão-pouco sacerdote seria, havendo ainda sacerdotes que oferecem dons segundo a lei, os quais servem de exemplar e sombra das coisas celestiais, como Moisés divinamente foi avisado, estando já para acabar o tabernáculo; porque foi dito: Olha, faze tudo conforme o modelo que no monte se te mostrou.» Hebreus 8:3-5.

(4) Cristo é Sumo Sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque. Enquanto Ele viver, a nenhum outro caberá esse sacerdócio. *Eis aqui Eu estou vivo para todo o sempre. Apocalipse 1:18. Queira ler, com atenção, Hebreus 7:12-15.* Diz o versículo 24: «Mas Este (Jesus), porque permanece eternamente, tem um sacerdócio perpétuo.» Quer dizer que não se transfere para outro. Quando os pastores mórmons pretendem passar o sacerdócio para outro, mediante a imposição de mãos, não transferem coisa alguma, pois nada têm para

transferir. Não existe o sacerdócio aarónico depois que Cristo morreu. Unicamente Jesus tem o sacerdócio de Melquisedeque, e Ele, tão somente, o possuirá enquanto viver, e isto, graças a Deus, quer dizer perpetuamente.

(5) José Smith predisse que os mórmons haviam ainda de oferecer sacrifícios de animais em seus templos. Se o fizerem, e quando o fizerem, negarão o sacrifício expiatório de Cristo na cruz. Essa predição acha-se registrada no órgão oficial da igreja, nos seguintes termos: «Esses sacrifícios, assim como qualquer ordenança pertencente ao sacerdócio, hão-de ser, quando for construído o templo do Senhor... restaurados completamente e cuidados em todos os seus poderes, ramificações e bênçãos.»—*History of the Church*, Vol. 4, pág. 221.

(6) *Pedro, Tiago e João não transferiram para José Smith o sacerdócio, pois eles próprios não se achavam dele investidos, e agora estão nos seus sepulcros, aguardando a ressurreição dos justos, quando Jesus vier. Queira ler I Tessalonicenses 4:13-18.*

(7) Quando o apóstolo Paulo relacionou os vários encargos na igreja apostólica, não mencionou o sacerdócio. Note-se, por favor: «Ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo.» Efésios 4:11 e 12.

(8) Deus não deu a José Smith coisa alguma, muito menos um sacerdócio. Fazia vários anos que fora organizada a Igreja Mórmon quando *Sidney Rigdon* nela ingressou. Foi ele que incutiu em Smith a ideia do sacerdócio. Mais de 2.000 pessoas já haviam sido baptizadas na igreja, quando ouviram pela primeira vez falar em sacerdócio. Qualquer mórmon concordará em que, se não possuem sacerdócio, não têm autoridade para pregar, nem baptizar, officiar casamentos ou fazer qualquer outra coisa. Prezado leitor mórmon, vê claro o assunto? *Unicamente Jesus pode ser nosso Sumo Sacerdote.* Ele oferece Sua intercessão a todos os pecadores arrependidos. Ele, unicamente, pode salvar do pecado. Eis o convite: «Visto que temos um grande Sumo Sacerdote, Jesus, Filho de Deus, que penetrou nos Céus, retenhamos firmemente a nossa confissão. Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado. Chegemos pois com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno.» Hebreus 4:14-16.

(Continua no próximo número)

ENSINO PRIMÁRIO NO EXTERNATO ADVENTISTA DE COIMBRA

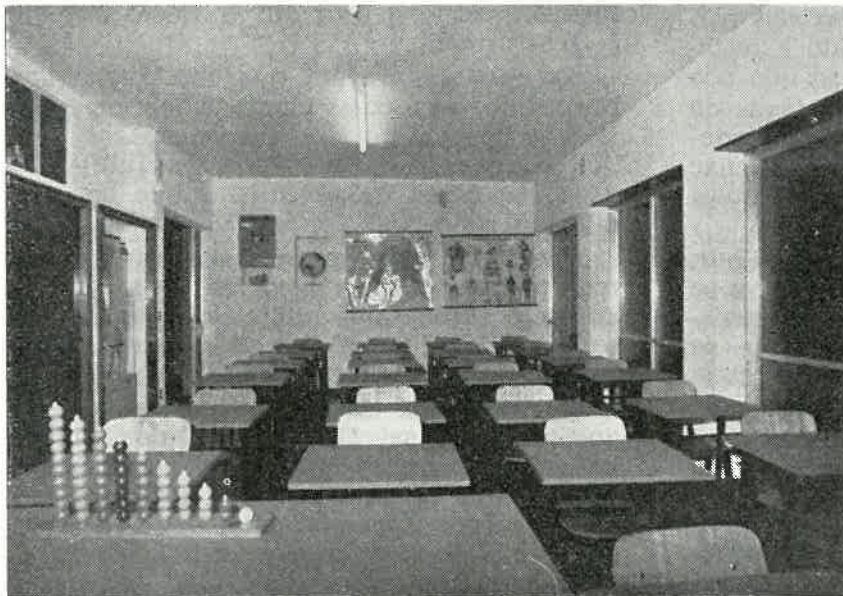
Por A. NUNES

O desejo de servir a causa educacional adventista em Portugal levaram a IASD a estender o seu sistema educacional à cidade de Coimbra. A igreja local dispõe de duas bem apetrechadas e modernas salas de aula, uma sala de professores e dum magnífico ginásio. A abertura desta escola tornou realidade um sonho e preencheu uma lacuna há muito existente.

A fim de cumprir a sua verdadeira missão, deve a Igreja estar pronta para dar execução a todas as etapas de que se compõe o seu programa, o qual não consiste somente em pregar a mensagem doutrinária. A Igreja deve ir mais longe e compenetrar-se de suas funções altamente sociais, dando ao indivíduo que passou a abrigar no seu seio e sob sua protecção, muito mais que sermões e prédicas. Deve executar a sua nobre missão de agente educador, efectuando em seus associados a magnífica e suprema obra de educá-los para que vivam e representem o próprio Evangelho. A este complexo processo de transformação deu-se o nome de educação. Daí a feliz ideia de que educação é sinónimo de salvação, palavras da Sr.^a Ellen White, no livro *Educação*, p. 30. Que visão mais bela que a duma igreja transformada numa escola redentora.

Não há, evidentemente, um conceito único de educação porque varia, necessariamente, de acordo com os princípios éticos e religiosos que forem professados. De qualquer modo, a filosofia educacional adventista: «A verdadeira educação significa mais do que a prossecução de certo curso de estudos. Significa mais do que a preparação para a vida presente. Visa o ser todo, e todo o período da existência possível do homem. É o desenvolvimento harmónico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para o gozo do serviço neste mundo, e para aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro.» — *Educação*, p. 13. Abrangendo o ser todo, torna o educando um cidadão apto para a grandeza da sua pátria e para a cidadania celeste. Esta filosofia educacional tem raízes milenares e era defendida e aplicada por Salomão, quando assim se expressou: «O temor do Senhor é o princípio da sabedoria, e a ciência (*Madoat, Conhecimento*) do santo a prudência.» — Prov. 9:10. Isaías, dentro da mesma linha da inspirada palavra de Deus profetizou no Cap. 54:13: «*Todos os teus filhos serão educados no Senhor.*» O douto e glorioso Saulo de Tarso assegurou: «Tódos os tesouros da sabedoria e da ciência estão escondidos em Cristo.» — Col. 2:2. Esta é, portanto, a fonte da verdadeira sabedoria e educação.

Tão importante é esta linha de pensamento que o espírito de profecia lhe consigna a exacta proporção entre igrejas e escolas quando recomenda o padrão de 1 igreja = 1 escola. «Em todas as nossas igrejas deve haver escolas.» — *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, p. 150. E ainda em *Testimonies*, V. III, p. 109: «A sala de aulas é tão necessária como um edifício para a Igreja.» Esta é uma responsabilidade que, inevitavelmente, tem de ser partilhada por toda a denominação. O crescimento de nosso número de membros tem de acompanhar sem estan-



Uma das salas de aula para ensino primário

camento e retrocesso a acção educativa. O desequilíbrio de nosso crescimento opõe-se à pena inspirada e responsabiliza a Igreja:

«Conquanto devamos fazer sérios esforços em favor das massas que nos rodeiam, e impulsionar a obra em campos estrangeiros, nenhuma quantidade de trabalho pode desculpar-nos por descuidar da educação de nossos meninos e jovens.» — *La Educacion Cristiana*, p. 129.

«... Lance a Igreja mão da obra educacional, de maneira fervorosa, e dela faça o que o Senhor deseja.» — *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, p. 149.

«De todas as instituições de nosso mundo a escola é o mais importante.» — *Testimonies*, V. VI, p. 109.

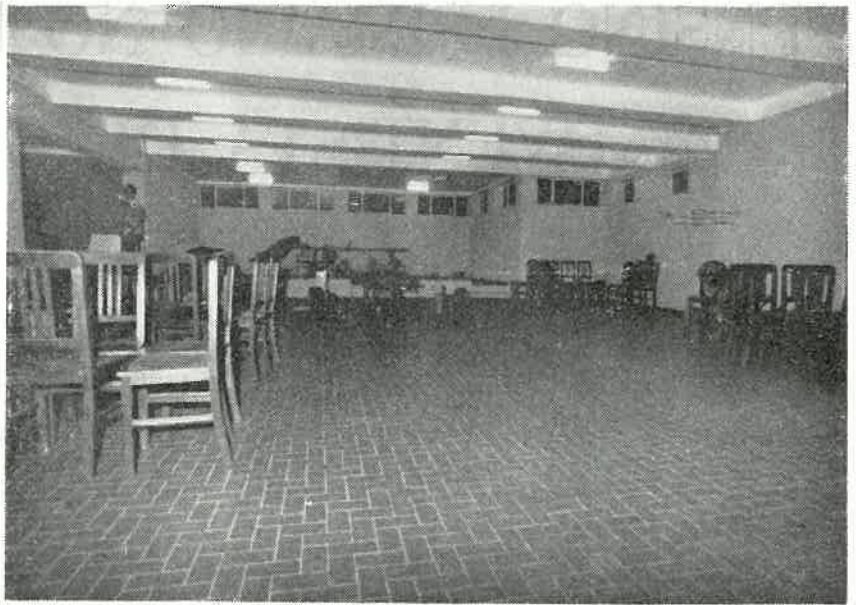
O porquê da educação cristã

«Mandamos nossos filhos à escola sabatina para que sejam instruídos acerca da verdade, e depois, ao irem eles à escola diária, são-lhes ministradas lições eivadas de falsidade. Tais coisas confundem a mente, e não devia ser assim; pois se os jovens recebem ideias que pervetem a verdade, como será neutralizada a influência dessas instruções.» — *Testemunhos Selectos*, V. 2, pp. 452, 453.

«Às vezes fico desejando que Deus fale aos pais com voz audível como falou à esposa de Manué; dizendo-lhes o que deviam fazer para educar os filhos. Sofremos terríveis perdas em cada ramo da obra, devido à negligência da educação no lar. Foi isso que nos impressionou a mente com a necessidade de escolas em que a influência religiosa predominasse. Se algo pode ser feito para anular esse grande mal, fá-lo-emos na força de Jesus.» — *Orientação da Criança*, p. 303.

«Planeando acerca de educação dos filhos, fora do lar, devem os pais compenetrar-se de que não mais é coisa livre de perigo enviá-los às escolas públicas, e cumpre que se esforcem para os enviar às escolas onde obtenham educação baseada em fundamento escriptorístico.» — *Idem*, p. 304.

«É para fortalecer os jovens contra as tentações do inimigo que estabelecemos escolas onde se possam habilitar para ser úteis nesta vida, e para o serviço de Deus através da eternidade.» — *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, p. 446.



Salão Gimnodesportivo

«Alguns pais e mães são tão indiferentes, tão descuidados, que pensam não haver diferença em enviar seus filhos a uma escola pública ou à escola da Igreja.» — Manuscrito de E. White, 100, 1902. «Como uma corrente participa sempre das propriedades do solo que atravessa, assim os princípios e hábitos dos jovens tomam invariavelmente a cor do carácter de suas companhias.» — *Mensagens aos Jovens*, p. 410. Noutro sítio lê-se ainda: «Os que convivem com cépticos, tornar-se-ão em breve cépticos também; os que preferem a companhia dos vis, com certeza tornar-se-ão vis por sua vez.»

Professores ateus, materialistas, donos de crenças ímpias, apóstatas, levarão as crianças à descrença e estarão perdidas para nós e para Deus. A educação secular apenas prepara o homem para este mundo. Umhas escolas formam, outras deformam; as nossas formam e transformam.

Estatísticas provam que 48% das crianças em nossas escolas primárias permanecem fiéis à nossa Igreja, enquanto apenas 28% dos que estudam fora ficam na Igreja. De cada 100 filhos de adventistas que não frequentam as nossas escolas, 85 apostatam.

Eminente professor não adventista declarou em *Mundo Económico*, V. IV, n.º 5, 1971: «É facto notório que muitos estudantes vêm a perder na escola pública a fé religiosa adquirida com tanto carinho no aconchego do lar.»

A escolha de escola tem por isso consequências eternas. Diz a serva do Senhor: «Como Igreja, como indivíduos, se queremos estar isentos de culpa no Juízo, devemos fazer esforços mais liberais para o preparo de nossos jovens.» — *Conselhos aos Professores*, p. 38.

(Continua na pág. 14)

ENDEMONINHADA OU EPILÉPTICA?

Por FLÁVIO RODRIGUES

Foi naquela manhã de sábado. Era o primeiro dia da semana de oração. Todos os presentes estavam ouvindo atentamente a leitura da mensagem quando, em certa altura, ela, que também estava entre os presentes, reclinou a cabeça para trás, fechou os olhos e parecia que tinha desmaiado. A irmã que estava ao seu lado amparou-a e permitiu que ela descansasse a cabeça sobre o seu ombro. Estaria a sentir-se mal?!.. Logo a atenção dos presentes se desviou para a ocorrência.

O orador, preocupado com a leitura, só se apercebeu do que se passava quando uma das nossas irmãs passou em frente da tribuna com um copo de água e, então, ele presenciou o acontecimento. A boca dela estava cerrada e não recebeu a água. Que seria?... Do púlpito, pediu-se que duas ou três pessoas a levassem para outra sala. Houve um momento de oração e, com os nossos corações irrequietos, prosseguimos. Logo depois ouvimos um grito na outra sala. Era já próximo do meio-dia. Orámos, cantámos e foi feita a oração de despedida.

À saída, ouvimos alguns comentários. Diziam: «Revirou os olhos e...», «tremeu tanto...», «deu um grito e começou a estrebuchar», «deitou espuma pela boca», «tenho tanto medo...», «que seria?...» — «Está endemoninhada», respondeu alguém, e muitos estavam convencidos desse diagnóstico. «É espírito maligno, não ouviram o grito?...»

Procurei ouvir todas as opiniões, ouvi as descrições daquilo que se passou na outra sala e agora pretendo comentar, nas linhas seguintes, esse rótulo «ESTÁ ENDEMONINHADA», porque há que pensar bem, antes de atribuir esse rótulo a alguém. Atendendo a que casos semelhantes podem acontecer ao nosso lado, não só na igreja, mas na escola, no autocarro, na rua, no emprego ou até em nossa casa, convém estarmos prevenidos para não comprometermos a pessoa nas suas relações e comportamento para com a igreja e para com as outras pessoas, criando-se barreiras recíprocas que psicologicamente podem fazer mergulhar a pessoa ainda mais no desespero e imaginar-se rejeitada.

Lembro-me daquelas primeiras aulas de História Universal que tive na minha adolescência. Aprendi que, nos tempos mais remotos, quando uma pessoa adoecia, era espancada, maltratada, para os demónios se sentirem mal e a abandonarem. Com o decor-

rer dos tempos, outras técnicas de tratamento foram aparecendo, mas o epiléptico, na Idade Média, ainda era considerado como «posseço», «endemoninhado», «tomado de demónios», etc.

Hipócrates (460-370 a. C.) disse que o «grande mal» não era de causa sobrenatural, mas os seus ecos não ressoaram na mente da maior parte do povo e, ao abordar agora este assunto, pretende-se que os nossos estimados irmãos, embora reconhecendo os casos autênticos de possessão demoníaca, fiquem sabendo que um grande número dessas espalhafatosas cenas são epilepsia e o rótulo atrás referido é um erro.

A epilepsia tem várias manifestações clínicas. Irei apenas abordar aquela que é mais alarmante e mais temida, pelo que já foi dito e pelo muito que ainda se poderia dizer.

Há várias causas sintomáticas e idiopáticas, resultando o ataque da convergência de vários factores num dado indivíduo e num dado momento, provocando alterações metabólicas e descargas eléctricas excessivas e simultâneas de um grupo de células nervosas cerebrais. Note que o electrochoque e a estimulação química dessas estruturas podem provocar idênticas descargas, originando convulsões em qualquer pessoa.

No bebé, a febre alta pode provocar convulsões epileptiformes, porque o sistema nervoso da criança é mais sensível a situações termo-metabólico-eléctricas, mas, com o amadurecimento das estruturas cerebrais, a febre alta deixa de ter significado na resposta convulsiva, não sendo portanto razão temida no jovem e no adulto.

Quedas, acidentes de automóvel, acidentes profissionais e todas as situações em que a cabeça apanha pancadas, especialmente aquelas que são acompanhadas de perda dos sentidos, podem vir a causar danos cerebrais, predispondo a desarranjos da massa cefálica que podem estar na origem de ataques epilépticos imediatos, nas horas seguintes ou mais tarde, e podendo repetir-se durante o resto da vida, se não forem devidamente tratados.

Tumores malignos e benignos, abcessos, quistos, hematomas e outras massas que crescem dentro da caixa craniana podem provocar as condições necessárias para, em dada altura, desencadear o ataque epiléptico.

Encefalites, meningites, arteriosclerose, tensão arterial alta e alcoolismo são outras tan-

tas situações que podem produzir o mesmo efeito.

E por último (não porque tivesse enumerado tudo), quero dizer-vos que também situações emotivas e conflitos puramente psicológicos podem proporcionar as condições necessárias para tais reacções, que vão desencadear o aparecimento do grande mal.

Pessoalmente, não estudei a pessoa em causa que, naquele dia de sábado, nos visitou. Sei apenas que ela regressou há pouco de África e que, como muitas outras, deixou todos os seus haveres, não sendo difícil de concordar que deve estar psicologicamente muito cansada. Creio que aquela mensagem estimulou o seu sistema nervoso, facilitando as condições que lhe provocaram o ataque. Não esqueçamos que o nosso coração está constantemente a bater porque há impulsos eléctricos que sensibilizam e movimentam o músculo cardíaco e que, se um dia eles enfraquecem, teremos de introduzir um sistema arterial com pilhas, de modo que o «pacemaker» (marca-passo) seja mantido. Se isto também falha, a pessoa morre.

Vamos então descrever como se passam as coisas num ataque epiléptico:

Primeiro, há uma fase chamada prodrómica que pode ter início momentos, horas ou dias antes, queixando-se o doente com dores de cabeça, atordoamento, mal-estar, irritabilidade, etc., aparecendo então a fase de aura, que é caracterizada por sintomas localizados em várias partes do corpo e que traduzem normalmente a sede do foco em causa na massa cefálica. Ao nível do estômago, pode aparecer mal-estar, contracções, tremor, dores e espasmos; pode haver ardores na garganta, dificuldade em respirar, etc. Pelo corpo, pode haver formigueiro, picadas, adormecimento, perturbações visuais, auditivas, gustativas, olfativas, etc., mas, no mesmo indivíduo e antes do ataque, a aura costuma ter as mesmas localizações e o desenrolar do acesso processa-se da mesma maneira.. Surge então a terceira fase, que é caracterizada pelo acesso convulsivo. O doente perde a consciência. Se está de pé, cai desamparado. Solta um grito rouco e depois seguem-se as contracções tónicas de todos os músculos. Os membros inferiores ficam ríos e estendidos, os membros superiores semiflectidos e as mãos fortemente fechadas, a cabeça em extensão; olhos, boca e lábios fortemente fechados. Depois aparece um tremor fino que vai aumentando, surgindo uns abalos fortes e vigorosos, passando a convulsões breves que vão diminuindo de intensidade. Depois, relaxamento do corpo, respiração profunda e ruidosa, sonolência. O doente começa depois a despertar muito confuso, sem saber o que se passou. Vai assim a pouco e pouco recuperando a consciência. Depois do grito até desa-

parecerem os abalos, raramente demora mais que cinco minutos e, durante este período convulsivo, não se deve agarrar a pessoa para lhe impedir os movimentos. Devemos, sim, deixá-la livre, deitada no chão ou em outro lugar seguro e deixá-la «estrebuchar» à vontade, sem bater com os braços ou pernas em cadeiras, pés das mesas, etc.

Dadas estas noções, não devemos apressar-nos a aplicar esse rótulo de endemoninhado a ninguém, sem primeiro ter consultado o clínico competente, porque uma operação, a resolução dos conflitos que psicologicamente afligem a pessoa, a abstinência do álcool, o medicamento apropriado, podem resolver essa situação que tanto aflige o doente, a sua família e a sociedade.

Para terminar, quero dizer que tenho por certo que o ataque resultou de todo o «apport» de problemas que a afligem e à sua família, e que, como atrás se referiu, justificam plenamente o desencadear da ocorrência.

Flávio Rodrigues

Ensino Primário no Externato Adventista de Coimbra

(Continuação da pág. 12)

«Toda a criança... é um depósito sagrado. Deus diz aos pais: Toma esta criança e cria-a para Mim.» — *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, p. 130.

«Como no tempo deles (dos filhos dos israelitas), hoje também o Senhor quer que os filhos... sejam postos em nossas próprias escolas, onde se faz da palavra de Deus o fundamento da educação.» — *Conselhos*, p. 148.

«O Senhor está a olhar... quem se encontra a fazer a obra que Ele quer que se faça pelas crianças.» — *Conselhos*, p. 38.

Esta é a hora final da educação cristã. «Os teus filhos serão educados no Senhor.» — Isaías 54:13. «Nenhuma obra a nós confiada é tão importante como a educação da juventude, e todo o desembolso exigido para a sua perfeita realização representa meios bem expendidos.» — *Educação*, p. 218.

TESTEMUNHOS DE ELLEN WHITE: NEGATIVISTAS?

Por D. A. DELAFIELD

Algumas pessoas admitem que os Testemunhos possuem um cunho negativista. E chegam a pensar: «Como eles reprovam e censuram, como tocam em problemas e fraquezas humanas!» O Pastor D. A. Delafield analisa as razões por que os Testemunhos estão em frequente conflito com as acções humanas.

É verdade, como alguns afirmam, que os conselhos de Ellen G. White são negativistas? Ninguém duvida que haja certo dissentimento nos *Testemunhos*. Como resultado, talvez exista um choque de ideias. A natureza humana é confrontada com a natureza divina. Os caminhos de Deus censuram os actos pecaminosos do ser humano.

Lede o livro de Jeremias — pelo menos algumas porções — bem como partes do livro de Joel, «Lamentações», assim como porções dos livros de Romanos e Tiago, no Novo Testamento, mesmo os quatro Evangelhos (ver Mateus 23). Entra o Senhor sempre em litígio com a rebelião e o antagonismo próprios da natureza humana? Realmente Ele o faz, e promove um estilo de vida em harmonia com o Seu carácter altruísta. Isto, talvez, seja considerado como negativo. Efectivamente, é positivo. O estilo de vida mundano

é que é negativo, e isto Deus procura corrigir.

A natureza humana constantemente brada: «Não me confunda com os factos». Estes são mais impopulares quando as pessoas querem «pôr em prática as suas próprias ideias» e ter o seu próprio caminho. A verdade é impopular em virtude da mesma razão pela qual as pessoas que estão dispostas a expor a verdade, são impopulares.

dade coerentemente e viver da mesma ma-

Ninguém aprecia que as suas ideias sejam arrasadas, ou ser criticado pelas coisas que pratica, e os Testemunhos e nossas acções estão frequentemente em conflito. Há um choque de ideias. Revoltar é uma característica humana. Indignamo-nos particularmente quando não nos é oferecida alguma coisa que consideramos melhor do que os pecados de estimação que somos instados a abandonar.

A senhora White foi negativista pela mesma razão que os sinais de trânsito, os cintos de segurança e as travessias em faixas para peões são negativas.

Se, ao escrever sob a direcção do Espírito de Deus, ela levanta um sinal de perigo, como por exemplo, nos volumes 7 e 8 dos *Testemunhos*, ergueu um sinal de perigo acerca dos ensinamentos panteístas de João Harvey Kellogg (ver *Mensagens Escolhidas*, Livro 1, p. 199), então louvemos a Deus por uma admoestadora e negativa voz na igreja!

Se a Sr.^a White foi uma profetiza verdadeira, devemos esperar que seus escritos cumpram os mesmos propósitos e objectivos dos escritores bíblicos. A respeito das Santas Escrituras e os escritos dos profetas, disse

Paulo: «Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação, na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda a boa obra». (II Tim. 3:16 e 17).

Acham-se aqui quatro dimensões da Bíblia: as Escrituras são úteis para doutrinar (isto é positivo); as Escrituras são também úteis para três outras coisas: repreensão, correção e instrução na justiça. Duas dessas três dimensões — repreensão e correção — têm elementos especificamente negativos.

Quando estudamos o Velho Testamento, vemos que mais de uma vez os reis e sacerdotes levaram o povo à apostasia, ou por suas atitudes irreverentes encorajaram a indiferença para com Deus e a adoração e culto que Lhe eram devidos.

O Senhor disse repetidas vezes: «Ouvi a voz dos Meus profetas». Ele não disse: «Ouvi Meus sacerdotes e governantes. Eles têm a palavra final». Por quê? Porque o profeta é o porta-voz escolhido por Deus. Ele declara a vontade divina tanto aos líderes como ao povo. Natã, o profeta, na presença de David, reprovou-o como adúltero e assassino. De modo preciso, disse: «Tu és o homem». Era isto negativo? Realmente o foi. Entretanto, a repreensão profética operou o profundo arrependimento e conversão do rei. Os resultados foram bons.

João Baptista perdeu a vida porque reprevara o rei Herodes por viver com Herodias, esposa de seu irmão Filipe. As circunstâncias que resultaram de sua corajosa repreensão, apressaram a morte e martírio do profeta, mas João fez apenas o que o Senhor o convidou a fazer. Ele foi fiel à sua tarefa.

Conselhos a Indivíduos

A irmã White foram mostrados em visão casos de indivíduos. Deus mostrou-lhe os perigos que os cercavam, bem como as armadilhas e barricadas que se erguiam diante deles. Fielmente ela chamou a atenção dessas pessoas para os perigos que as ameaçavam. Deleitou-se ela nesta tarefa? Realmente não. Lede o que ela escreveu em *Testimonies*, vol. 5, p. 77. Ficai a seu lado e observai como escreveu seus testemunhos, com os olhos rasos de lágrimas. Era algo quase demasiado para aquela frágil mulher. Um forte e vigoroso homem teria encontrado dificuldade em realizar a obra que aquela tímida e até certo ponto despreparada mulher desempenhou fielmente.

Falando sobre a sua própria obra, quando alguém puniu um irmão por causa dos pecados deste, Ellen G. White escreveu:

«De boa vontade vos confortaria, caso pudesse. De bom grado vos louvaria os bons traços, os propósitos bons e as boas acções; mas Deus não foi servido de mos mostrar. Apresentou-me os impedimentos a formardes o carácter nobre, elevado, de santidade, que precisais ter a fim de não perder o descanso celeste e a glória imortal que Ele quer que alcanceis. Desviai os olhos de vós para Jesus. Ele é tudo em todos. Os merecimentos do sangue de um Salvador crucificado e ressurgido serão suficientes para purificar do menor como do maior dos pecados. Com fé confiante, entregai a guarda de vossas almas a Deus como a um fiel Criador. Não estejais em constante temor e apreensão de que Deus vos abandone. Jamais o fará, a menos que d'Ele vos aparteis. Cristo virá e habitará em vós, caso Lhe abraís a porta do coração. Pode haver perfeita harmonia entre vós, o Pai e o Filho, uma vez que morrais para o próprio eu e vivais para Deus». *Testemunhos Selectos*, vol. 1, p. 427.

Além disto, ela escreveu na mesma página:

«Quão poucos se apercebem de ter queridos ídolos, de haverem nutrido pecados! Deus vê esses pecados a que talvez estejais cegos, e emprega Sua faca de podar, cortando fundo a fim de separar de vós esses pecados nutridos. Todos vós deveis escolher por vós mesmos o processo de purificação. Como vos é difícil submeter à crucificação do próprio eu! Mas quando toda a obra é entregue nas mãos de Deus, Ele que sabe nossas fraquezas e pecaminosidade, segue o melhor caminho para produzir o desejado fim».

Deus usa não somente os testemunhos, mas as provas e a disciplina da vida como Sua faca de podar para separar o pecador dos seus pecados acariciados. Deus está continuamente procurando produzir «os resultados desejados», ou seja, estabelecer o cristão numa permanente experiência com Cristo.

A Sr.^a White ofereceu nos seus testemunhos «algo melhor» do que os pecados que afligem e maculam a igreja. Este «algo melhor» é o amável Jesus e Sua grande redenção. Atentai para estas palavras:

«Nossa condição tornou-se, pelo pecado, preternatural, e o poder que nos restaura tem que ser sobrenatural, do contrário não terá valor. Há um só poder capaz de romper no coração do homem a força do mal, e esse é o poder de Deus em Jesus Cristo. Unicamente pelo sangue do Crucificado pode haver purificação do pecado. Sua graça, tão-somente, pode habilitar-nos a resistir às tendências de nossa natureza caída e sujeitá-las». — *Idem*, vol. 3, p. 269.

Testemunhos, não um «Livro Médico»

Há crentes conscienciosos que lêem os *Testemunhos* fielmente e pensam que tudo o que lêem descreve pormenorizadamente a sua vida pessoal. Tais pessoas podem ser comparadas a almas sensíveis que, em virtude de sofrimentos físicos e desgostos, retornam ao «livro médico», folheiam o índice de sintomas, e tentam diagnosticar suas próprias enfermidades. Tais pessoas frequentemente imaginam que têm todas as doenças arroladas no livro, quando isto é impossível.

Os testemunhos foram dados a fim de que todos possam ser corrigidos *onde estão em falta* e advertidos dos perigos que ameaçam a sua alma, não que tais pecados existam necessariamente na sua vida. Deus espera que sejamos humildes, mas devemos ser inteligentes e perspicazes, ao mesmo tempo. Ser achado em humildade não é suficiente. Deus quer que todos nós *configuremos nosso caminho através dos conselhos*, mediante um coração disposto, para escapar-nos dos males evidenciados. Nem todos são culpados de todo o pecado descrito.

Satanás muitas vezes usa os testemunhos como vara nas mãos de super-zelosos adventistas, para bater na cabeça de outros. Ela também usa os testemunhos como vara para golpear a consciência dos que lêem as mensagens apresentadas. Alguns interpretam os testemunhos de modo estrito e farisaico.

A mesma pena inspirada que nos adverte contra o pecado e que apela para que sejamos humildes e responsáveis diante dos conselhos de Deus, também proveu orientação quanto à necessidade de respeito próprio, que deve ser alimentado continuamente (*Conselhos Sobre Saúde*, p. 295; *Medicina e Salvação*, p. 143). Ela ensina como se deve restaurar o respeito próprio, uma vez que tenha sido perdido (*Fundamentos da Educação Cristã*, p. 281).

E quão zelosa foi Ellen White para que pessoas que haviam sido reprovadas não fossem desencorajadas ou tratadas duramente. «Sede cuidadosos para não destruídes... o respeito próprio», disse ela. — *The Ministry of Healing*, p. 167.

É o pecado que destrói o respeito próprio. Ver *Conselhos Sobre Saúde*, p. 410; *Orientação da Criança*, p. 458; *Testimonies*, vol. 3, p. 392). Escrevendo a um irmão, ela disse: «Dedica-vos zelosamente a curar esses defeitos, para serdes perfeitos em Cristo Jesus, em nada deficientes». — *Idem*, vol. 3, p. 506.

«Se tiverdes uma opinião demasiado alta de vós mesmos, admitireis que vossos labores são da mais verdadeira importância do

que o são, e reclamareis independência individual que irá às raias da arrogância. Se fordes ao extremo oposto e tiverdes uma opinião pouco elevada de vós mesmos, sentir-vos-eis inferiores e deixareis a impressão de inferioridade que limitará, em grande escala, a influência que deveis ter em favor do bem. Deveis evitar um e outro extremo. Não deveis ser controlados por sentimentos; as circunstâncias não vos devem afectar. Deveis possuir uma correcta avaliação de vós mesmos, o que será uma salvaguarda contra ambos os extremos. Deveis ser honrados sem vã confiança própria; deveis ser condescendentes e submissos sem sacrificar a própria dignidade ou a independência individual, e vossa vida poderá ser de grande influência para com aqueles que se acham tanto nos mais altos como nos mais baixos caminhos da vida». — *Ibidem*.

Aqueles que coerentemente praticam os conselhos de Ellen G. White e têm ampla e inteligente visão de suas mensagens, sempre se beneficiam por meio deles. A profecia foi dada para corrigir, reprová-lo, e instruir na justiça; também para esclarecer e alargar nossa compressão da vida e doutrina cristãs positivas. Em todas essas áreas, Ellen White realmente se qualificou e serviu como autêntica mensageira de Deus.

Foi-lhe dito que Satanás trabalharia para lançar dúvida sobre suas mensagens e estigmatizá-las como falsas declarações (*Mensagens Escolhidas*, Livro 2, p. 910, a fim de que alguns adventistas as considerassem redículas. (*Idem*, Livro 1, p. 42), para que se fizessem tentativas no sentido de distorcer, diminuir e pervertê-las. (*Idem*, p. 41), e para que nos últimos dias certas atitudes pudessem desenvolver-se — Satanás operaria nas igrejas para abalar a fé do povo de Deus nos verdadeiros testemunhos. Foi-lhe dito que Satanás trabalharia engenhosamente para executar isto e que o seu último engano seria tornar sem efeito essas mensagens (*Idem*, p. 41; *Ibidem*, Livro 2, p. 78).

Ódio satânico seria atizado contra essas mensagens; entretanto, elas cumpririam a sua obra, e, em tempo avançado, a despeito da oposição de Satanás, os testemunhos teriam mais influência do que na época em que a Sr.^a White viveu.

Por todos esses factos agradecemos a Deus, pois é em meio à prova que a fé é purificada. E quando estudarmos os testemunhos, poderemos vê-los na sua verdadeira perspectiva, com uma visão mais global de seus positivos propósitos e objectivos de purificar a igreja, para apresentar Jesus com Seus encantos inigualáveis, e preparar, afinal, o povo de Deus para o céu.

notícias do campo

NOTÍCIAS DE AVEIRO

Queridos irmãos leitores da Revista Adventista:

Vimos à vossa presença para vos dar notícias do que tem sido feito nesta bela cidade e seus arredores.

Já há bastante tempo que nesta cidade um bom grupo de irmãos tem andado de porta em porta, distribuindo literatura, dando estudos bíblicos, mantendo contacto com pessoas que se têm mostrado muito interessadas.

Ainda não colhemos frutos desse trabalho, mas temos a certeza que «a seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido».

Relativamente à Acção 78, diremos que durante três semanas, Aveiro e arredores foram percorridos por uma caravana com um carro à frente conduzindo um altifalante mediante o qual eram feitos apelos à população no sentido de assistirem às reuniões que se efectuavam todas as noites.

Outros carros eram portadores de dísticos onde se podia ler: «Urgente», «É a hora», «Cristo vem, prepara-te». Entretanto, irmãos faziam o percurso a pé acompanhando a caravana e distribuindo folhetos a quem passava e pelas portas.

Na última semana, o nosso irmão Ribeiro da Silva, com a colaboração do nosso amigo e futuro irmão António Dias, 1.º Sargento mecânico da Força Aérea, fretou um avião civil por meio do qual foram lançados sobre a cidade de Aveiro e arredores mais de 22 000 folhetos, que ele mesmo mandou imprimir. A Acção 78 foi encerrada no dia 25 de Março, com uma cerimónia baptismal, tendo-se entregado então ao Senhor, sete preciosas almas.

A seguir a este esforço de Evangelização em Aveiro, levámos a efeito uma mini-campanha em dois fins-de-semana (sexta-feira, sábado e domingo), em Vila Nova de Monsarros, onde registámos uma boa assistência, com uma média de vinte visitas. Se atendermos que se trata de uma aldeia, foi na verdade muito animador. Quanto ao Departamento Infantil, enquanto decorriam as reuniões na sala de culto, a minha mulher ocupava-se das crianças que enchiam por com-

pleto a sala onde se reuniam e entusiasmadas seguiam o programa que para elas fora preparado. Contámos uma média de trinta crianças.

Aos nossos irmãos de Vila Nova de Monsarros manifestamos o nosso apreço, pois esforçaram-se por prestar a melhor colaboração possível.

No dia 8 de Abril realizámos nova cerimónia baptismal, para então baptizarmos o nosso querido irmão João Ventura Gamelas, que já há alguns anos frequentava a nossa Igreja, mas o problema do sábado impedia-o de avançar. Porém, com a graça de Deus, resolveu a sua situação e então deu o passo que há muito desejava.

Mas, no dia 22 de Abril, realizámos outra cerimónia baptismal, para desta vez baptizarmos a nossa irmã Felismina de Jesus Marques, cujo baptismo chocou profundamente a assistência, pois esta irmã desceu às águas baptismais muito doente. Após o baptismo, chorava e lamentava-se por só agora se ter decidido, pois há muitos anos que conhecia o Evangelho, dado que sua mãe, Maria de Jesus Farela, que era um dos membros mais antigos da Igreja Adventista, e já há algum tempo dorme no Senhor, foi baptizada quando ela ainda andava em seu ventre.

Agora falar-vos-ei de uma terra chamada Pedralva, que fica distante de Aveiro cerca de 30 km.

A nossa irmã Maria, que reside há muitos anos no Brasil, resolveu regressar à sua terra, fazendo uma visita aos seus familiares e disposta a vender uma casa que ali possui. No entanto, depois de orar nesse sentido, leu uma passagem no livro de Isaías que diz o seguinte:

«Trazei o povo cego, que tem olhos; e os surdos, que têm ouvidos.» Isa. 43:8. Achou que Deus lhe falou desse modo e então decidiu não vender, mas sim fazer obras e dedicar uma das salas para o culto da Palavra de Deus.

Com a colaboração do nosso irmão António Santiago, e de mais alguns irmãos de Sangalhos, iniciou-se ali uma série de reuniões que teve início no Verão do ano passado.

Desse esforço resultou já o baptismo de uma alma, a irmã Rosa de Jesus Tavares, primícias do nosso trabalho ali. Estamos esperançados que muito em breve os seus familiares lhe seguirão o exemplo.

A nossa irmã Maria, que muito em breve regressará ao Brasil, desejamos que Deus continue a ajudá-la e a usá-la como instrumento de salvação para muitos outros.

Aos leitores da nossa Revista, queremos pedir que orem por nós. Vosso irmão em Cristo,

Arnaldo Borges



ACÇÃO 78 EM ESPINHO

A Igreja Adventista de Espinho, levou a efeito a Acção 78, de 8 a 26 de Março, sob a direcção do pastor Juvenal Gomes. Orientada e dinamizada pelo departamento das Actividades Leigas, promoveu a distribuição de cerca de 6000 convites e a afixação de cerca de 120 «posters» pelas ruas e lugares públicos, não só desta cidade, como nos arredores e com inscrições no pavimento «Cristo a Solução»; foram enviados pelo correio cerca de 300 convites às autoridades militares, civis e religiosas, fizeram-se anúncios nos jornais da cidade e foram percorridas as ruas de Espinho e seus arredores com uma aparelhagem sonora montada num carro, durante dois dias, com mensagens gravadas alusivas às conferências, convidando a população a assistir.

Organizaram-se grupos de Oração, Publicidade, Recepção, Literatura, Poesia, Música, Transportes, Luz e Som, Expedição de Convites e Decorativo, bem como o grupo que orientou e cuidou das crianças.

Notámos a mão de Deus em todo este trabalho, pois a média de presenças por dia foi de 51 visitas, 79 irmãos e 34 crianças. Em certa noite, o pastor Juvenal pediu para se levantarem os jovens que estavam assistindo à conferência, e foram contados 62, assim como 52 crianças.

Na verdade, nunca a igreja de Espinho viu dentro das suas portas uma assistência tão numerosa como a que constatámos nesta Acção 78. Mas assim como notámos a mão de Deus a dirigir todo este trabalho, também notámos o (PÉ) do diabo a procurar destruí-lo.

Dois dias depois de começarem estas conferências, um autocarro que transportava 58 pessoas que se dirigiam para a igreja, este avariou-se ficando enterrado num buraco de uma estrada, pelo que poucas pessoas destas puderam assistir à reunião por se encontrarem longe da igreja. Logo passados 2 dias um automóvel chocou de frente com uma das nossas crianças junto à nossa igreja, tendo ficado apenas com 2 dentes partidos. Os que assistiram a este acidente consideraram que a mão de Deus esteve guardando esta criança.

Três dias após este acidente, o diabo ainda não satisfeito por não ter conseguido o impacto desejado, fez com que um carro se despedaçasse contra a frente do autocarro que transportava cerca de 70 pessoas para a igreja, tendo ficado feridos os ocupantes do carro e imobilizado o autocarro, mas não houve sequer uma belis-

cadura nos ocupantes do autocarro, não obstante seguirem algumas crianças de pé.

Por isso terminou em beleza esta série de conferências da Acção 78, com uma sessão de batismos no sábado 25, e a distribuição de 51 Bíblias no domingo 26, último dia a visitas, que assistiram a mais de 10 conferências.

Estas conferências tocaram tão profundamente o coração das visitas que uma delas se levantou espontaneamente e veio à frente falar em nome de todos, dizendo do seu contentamento, e agradeceu por tudo o que lhe fora dado ver e ouvir.

Está pois de parabéns a igreja de Espinho e o pastor Juvenal Gomes pelo êxito de Acção 78; pena é que quando estava despertando o maior interesse (a avaliar pelas 82 visitas que estavam connosco no último dia), tivéssemos que terminar.

Por este êxito inesperado agradecemos ao nosso Pai Celeste e suplicamos-Lhe que toque o coração destas visitas a fazerem a sua entrega a Cristo Jesus Senhor Nosso.

David de Almeida

NOTÍCIAS DA CAPELA

(Grupo)

DA SERRA DE S. TIAGO

Falar da Capela da Serra de S. Tiago na Ilha Terceira — Açores é ter de dizer-se algo que se vive e se sente muito de perto. É, no campo missionário, um trabalho árduo o que aqui se vive, pois é ganho palmo a palmo. Como em todas as comunidades isoladas, o que tem sido os Açores até há pouco, o aspecto religioso toma o ar de certa heroicidade (de pioneiro, como me dizia um Pastor brasileiro da Igreja Baptista local). O Catolicismo com todas as suas crenças Cristãs/Pagãs deu uma feição histórica à Igreja por estas paragens, que falar do Evangelho Apostólico é cair-se em ridículo em alguns casos e em certos casos sorriem para nós com certa complacência... «como quem tem dó de nós...». Mas nem tudo é negativo, pois pela Graça do Senhor temos visto pessoas que são chamadas e neste momento temos neste Grupo 4 almas sinceras que recentemente abraçaram a verdade através do baptismo, e cerca de 18 pessoas incluindo crianças, interessadas na verdade eterna.

Os nossos jovens têm saído domingo após domingo distribuindo

literatura e vendendo revistas antigas da campanha das missões. Esse dinheiro tem sido usado em reparações nesta Capela. Desde 1975 que foi aqui organizado (e isto encontrando-se sempre dificuldades...) o Grupo das Lajes de acordo com o Manual da Igreja, tendo-se nomeado: por voto dos membros baptizados (que são 17): 1 director do grupo e 1 tesoureiro, 1 director da Escola Sabatina, 1 director da Sociedade Missionária. De referir que o tesoureiro local tem um registo pormenorizado de todo o movimento de dinheiros desta Capela. (Manual da Igreja, pp. 67-68. Ed. 1974).

Graças a Deus este Grupo tem-se desenvolvido harmoniosamente graças a esta organização e à fé que o Senhor nos tem ofertado. Em face do Pastor responsável distar 25 km deste local, as reuniões aos sábados, 10 h, quartas-feiras, 19 h, domingos, 20 h, são dirigidas pelo director local e Ancião de Igreja, e também por membros leigos que assim se têm lançado, com um espírito aberto e visão larga na grande necessidade de evangelização da Palavra. Por estarmos junto à Base Americana, temos também irmãos americanos, o que nos obriga aos sábados a fazermos os cultos em português/inglês, simultaneamente, o que tem entusiasmado os nossos irmãos americanos, pois tudo fazemos para que eles não se sintam deslocados devido à sua língua diferente. Claro que estes nossos irmãos americanos estão em trânsito, e quando há 2 meses tínhamos 8, hoje temos somente 4, pois 4 irmãos americanos regressaram à América. Dois dos jovens americanos actualmente presentes foram baptizados em Dezembro passado. De notar, por último, que todas as obras efectuadas nesta Capela têm sido fruto dos membros locais, que têm sido extraordinários no dinheiro que têm oferecido para as obras até este momento efectuadas numa Capela onde há pouco mais de 10 meses chovia dentro... O Senhor nos apela a um trabalho de grupo. Está chegando o tempo, irmãos, em que cada grupo de membros tem de olhar por si e dar tudo pelo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele está vindo... Que estamos nós fazendo a favor d'Ele? Esta obra é d'Ele e nós temos de dar tudo por tudo a favor da verdade e só da verdade... Que O Criador abençoe Sua Obra em toda a parte e nos dê forças para levarmos à frente a Sua Obra... MARANATA. MARANATA.

Vosso Irmão em Jesus
Carlos Baptista Ávila
Ancião da Igreja
da Ilha Terceira

Fundo de investimento usado para evangelismo de novos territórios

Este ano a Conferência Geral está pondo em prática o plano votado no Conselho Anual de 1976 para uso do Fundo de Investimento. Estes fundos especiais estão sendo distribuídos para fazer face a necessidades em territórios onde a Igreja ainda não está estabelecida. O voto diz o seguinte: Que todo o produto do Fundo de Investimento da Escola Sabatina seja reconhecido como fundos da Conferência Geral e encaminhados para o Fundo Missionário Mundial para ser distribuído como segue:

«a. Vinte e Cinco por cento para desenvolver proporcionalmente às Divisões, usando uma fórmula de distribuição previamente estabelecida. Estes fundos devem ser conservados pelo conselho das divisões para usos específicos — as áreas a serem consideradas e às quais devemos dar a maior prioridade são — *evangelização de novos países e/ou evangelismo nas grandes cidades.*

«b. Setenta e Cinco por cento permanecem como parte do Fundo Missionário Mundial.» (*Annual Council*, October, 13-21, 1976).

Este ano o plano está em funcionamento, várias divisões já seleccionaram os seus objectivos.

Na América do Norte o trabalho será desenvolvido em duas novas áreas — *Appalachia e Yukon.* — *Review and Herald*

De um para cento e vinte

Uma notícia recente, vinda de Mindanau, nas Filipinas, conta a história de três jovens adventistas que partilharam a sua fé em evangelismo pessoal, com o resultado da formação de uma igreja de 120 membros.

Tudo começou há seis anos, quando Johnny Postrero, Georgia Solijon e Elisa Ibarat decidiram deixar brilhar a sua luz entre os alunos da Universidade Estadual de Mindanau (UEM). Esta escola, que se estende por sobre a colina da Cidade de Marawi, é frequentada por mais de 3000 estudantes, 50 por cento dos quais muçulmanos.

Um dos três adventistas, Johnny Postrero, assumiu a liderança e propôs a estratégia. Cada um deles converteria pelo menos um outro estudante. Antes

do fim do ano seis estudantes foram baptizados.

No ano seguinte, 1973, Exsuan Dabusan, um muçulmano convertido à fé adventista, foi chamado de Jolo para ensinar em UEM. Outros estudantes adventistas também vieram e, em breve, havia 15. Por altura do Jejum de uma semana, mais cinco foram baptizados e, pouco depois, mais sete tomaram a mesma decisão.

No ano lectivo seguinte, mais 30 adventistas entraram na Universidade e mais 20 foram baptizados. Naquele ano, no Verão, o grupo iniciou o seu primeiro esforço para alcançar a comunidade.

Em 1975, o seu número era de 60 e o grupo começou a fazer prospecção para um lugar de culto. Tinham podido reunir-se no anfiteatro da Universidade, que acomodava 80 pessoas. Mas 14 foram baptizadas durante os meses de Agosto e Setembro, chegando o total a 70. Em 1976 havia 80. Depois mais 20 foram baptizados.

Neste ano (1977), já foram baptizados 41. Hoje há mais de 120 adventistas na Universidade Estadual de Mindanau.

«Antes de alguém ser baptizado», diz Johnny, «ele ou ela deve ser capaz de dar estudos bíblicos. Presentemente cerca de 100 estudantes estão a receber estudos bíblicos.

A maior parte dos membros baptizados eram membros de fraternidades», continuou Johnny a dizer com um sorriso. «Mas todos eles se separaram dessas organizações antes de se tornarem adventistas».

Encontrei-me com Roger. Havia sido baptizado há quatro meses apenas (único adventista na sua família), mas já estava a dar estudos bíblicos a outros seis alunos. Johnny disse-me que 90 por cento dos baptizados vinham de lares não adventistas. A maioria sofria perseguição por causa da sua fé.

Estes estudantes precisam de uma igreja. O anfiteatro da Universidade é demasiado pequeno para acomodar o seu rápido aumento. Nenhum deles estuda música. Nem mesmo têm um piano, mas o seu coro de 22 membros já deu um concerto. Estes jovens têm idades entre 16 e 21 anos. Não têm pastor para os dirigir e, no entanto, parecem constituir o grupo que mais rapidamente cresce na Universidade. — *Review and Herald*